

# ENTRE A CULTURA ECLESIAÍSTICA E A FOLCLÓRICA: A ANTROPOLOGIA MEDIEVAL DE JEAN-CLEAUDE SCHMITT

Hugo Rincon Azevedo\*

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos: ensaios de antropologia medieval*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 388 p.

Publicado recentemente no Brasil, o livro do renomado medievalista francês Jean-Claude Schmitt<sup>1</sup> é essencial para os estudos culturais da sociedade do Ocidente Medieval. O historiador utilizou em seus textos uma vasta documentação oriunda principalmente de registros de clérigos, como o *exemplum* escrito por Étienne de Bourbon e a autobiografia de Guibert de Nogent, que são mencionados em vários ensaios, além de outras fontes como as autobiografias, os *exempla*, as *mirabilias*, etc. O autor problematiza três grandes questões que se constituem no cerne de seu estudo: o problema do conceito de religião aplicado a Idade Média, o historiador deveria denunciar as fronteiras entre a história religiosa e a possibilidade de refletir sobre o medievo em termos de religião. O segundo problema consiste em ampliar a pesquisa para o questionamento antropológico e comparatista dos conceitos utilizados pelos historiadores em relação à Idade Média, como a noção de sagrado. No terceiro, e grande ponto do livro, Schmitt tem a pretensão de quebrar esse modelo em dois níveis que privilegia o domínio da cultura eclesiástica sobre a “cultura popular”. A ênfase está na relação ambivalente entre a Cultura Erudita (eclesiástica) e a Cultura Folclórica (popular) e, principalmente, como as tensões entre estas marcaram a sociedade do Ocidente Medieval.

A primeira parte da obra intitulada “Sobre crenças e ritos” consiste em uma das problematizações centrais do autor: o conceito de religião aplicado a Idade Média. Schmitt nos lembra de que o conceito moderno de religião é recente, este data do Iluminismo, e se

---

\* Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Endereço eletrônico: hugo\_jsk@hotmail.com

<sup>1</sup> Jean-Claude Schmitt nasceu em Colmar, na França, no ano de 1947. Atualmente é professor e diretor de estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. O medievalista é conhecido no Brasil por ser o herdeiro intelectual de Jacques Le Goff, ou seja, da quarta geração da Escola dos Annales. O ponto alto de seus estudos é o forte diálogo com a Antropologia, Sociologia, Psicanálise, Etnologia e demais ciências sociais. Schmitt tem uma vasta publicação no campo da História Medieval, que podemos elencar duas publicadas no Brasil, *Os vivos e os mortos na sociedade medieval* (Companhia das Letras, 1999) e o *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual da Idade Média* (Edusc, 2007).

tornou objeto de uma reflexão crítica e desmistificadora. Portanto, seria apropriado aplicar esse conceito ao medievo? Para o autor, os historiadores devem ficar atentos aos conceitos e sua semântica, lembrar que esses também têm uma história. A solução então seria a priorização das relações que dão lugares e funções aos conteúdos na estrutura dos pensamentos e ações dos homens. Mais ainda, utiliza como referência a noção de “sistemas simbólicos de crença”, para entendermos as relações dos homens com o sagrado e com o sobrenatural na Idade Média.

A relação entre os rituais, os mitos e o sagrado constituem um importante papel na primeira parte do livro. Esses três objetos de análise se relacionam com as transformações culturais entre a sociedade greco-romana e a cristandade medieval. Nesse ponto, Schmitt problematiza as permanências e discontinuidades nessa relação: o que a Igreja absorveu (e ressignificou) e rejeitou (condenou) em relação aos ritos, mitos e a concepção de sagrado da antiguidade clássica. A prática da ritualização ressaltava e sacralizava as grandes divisões da humanidade, representava a dinâmica do funcionamento social e este não implica apenas os grupos sociais, mas os atores singulares. Assim, os rituais muito comuns na sociedade romana foram herdados também pela Igreja, que deu a eles novos sentidos. Em relação aos mitos, permaneceu também uma forte influência dessa herança. O diferencial do cristianismo medieval foi a incessante busca de uma explicação lógica (racionalização) do mito cristão, chamada por Schmitt de Razão Teleológica. Assim, os cristãos definiram sua religião em oposição ao mito, que se referia a uma negativização do paganismo greco-romano. A mitologia cristã teria sua base em três tradições: o Antigo Testamento, a Mitologia Greco-romana e a tradição Indo-europeia. Essa relação ambivalente entre a absorção e condenação das práticas culturais populares também hierarquizou as narrativas consideradas falsas (não cristã) que foram tratadas como mitos, lendas e contos. Nessa perspectiva, o sagrado no Cristianismo medieval, como reforça o autor, foi marcado pela institucionalização do sagrado: a Igreja. Esta determinaria o que é sagrado, construindo uma hierarquização dessa concepção.

Ritos, mitos e o sagrado fazem parte de um sistema de crença dos homens. Como era a crença na Idade Média? Problematiza Schmitt. Sabemos que a Igreja tinha um papel central na definição deste sistema de crenças, que segundo o autor, era dividido em dois pilares: *Credere* (fazer crédito) e *Fides* (fé – fidelidade). A crença no medievo estava

relacionada a uma concepção de contratualismo: da relação do fiel com Deus, da barganha à relação feudo-vassalica, servo – senhor. Outro ponto importante é o universalismo do cristianismo que carrega duas implicações: uma instituição forte e centralizadora (a Igreja) e a conversão/expansão da fé cristã. O autor reflete que esse sistema controlado pela Igreja teve resistências envolvidas com práticas culturais condenadas pela instituição, como as superstições, as “falsas crenças” relacionadas à figura do diabo, as heresias e demais relações com o sobrenatural (especialmente a relação do homem com os mortos). Como a Igreja administrava este sistema de crenças? Schmitt analisa que a descrença não era um problema para os clérigos (a ausência de fé era vista como loucura). O grande problema enfrentado pela Igreja era o combate às “falsas crenças”. A principal ferramenta para isto era o ensino do credo. Os clérigos definiam dois tipos de fé: a fé explícita e a fé implícita. A Igreja e seus representantes estariam ligados à primeira, esta tinha o domínio do credo e deveria repassá-lo de forma suficiente aos leigos, representados pela segunda. Essa pedagogia do credo sofria com os problemas relacionados à língua, e tinha como um dos objetivos evitar o afastamento dos cristãos da “boa fé” livrá-los dos perigos das práticas heréticas e das crenças supersticiosas do folclore. Nesta relação, aumenta o combate às práticas heréticas e a centralização da Igreja (especialmente na Baixa Idade Média). A figura do diabo ganha força com a demonologização da cultura folclórica, assim, a Igreja utiliza-o como meio pedagógico, ainda que de forma ambígua: deve-se crer nele como enganador, mas também como modelo do que não se crer.

A tradição folclórica teve um papel importante nas tensões entre a cultura popular e erudita no sistema de crença da Idade Média. É essa relação que Schmitt problematiza na segunda parte do livro intitulada “Tradições folclóricas e Cultura Erudita”. Para o autor, a concepção de história da religião popular emprega alguns problemas, principalmente a que esta normatiza a religião das massas aos moldes do cristianismo e da Igreja, assim, leva-se em conta apenas o papel dominante, menosprezando a cultura folclórica, como se esta fosse apenas remanências do paganismo. Desta forma, partindo de uma concepção de antropologia histórica, os historiadores devem questionar a existência de uma cultura popular, compreendendo-a como um sistema autônomo distinto da cultura dominante. Propõe uma nova abordagem em relação aos estudos da tradição folclórica em que é necessário analisar as relações sociais, construindo modelos que valorizem os polos de

oposição e as tensões, os desafios ideológicos de determinada sociedade na sua história ou em determinado momento desta. Assim, devemos priorizar as polaridades e circulações culturais dentro de uma dinâmica, recusando ideias preconcebidas de unidade cultural.

Essa relação ambivalente leva À terceira parte do livro intitulada “O sujeito e seus sonhos”, em que Schmitt analisa o processo de individualização emergente nos séculos finais da Idade Média. O autor reflete sobre esse processo de transição em uma sociedade corporativista, como a cristandade medieval, à essa transição para o reforço do sujeito: o eu cristão e a noção de pessoa na Idade Média. Utilizando como principal fonte a autobiografia *De sua vita* do monge Guibert de Nogent (1055 - 1125). Membro de uma família de média aristocracia do norte da França, Nogent perdeu seu pai ainda aos oito meses de idade, criado pela mãe, que exerceu um papel muito forte sobre o monge. Na autobiografia relata o seu nascimento e como o parto quase levou sua mãe a óbito, fazendo com que seus pais o prometessem para a vida religiosa. Então, na adolescência foi enviado para o Mosteiro de Saint-Germer-de-Fly, no qual já aos 50 anos de idade foi eleito abade de Nogent. Nesse local, Nogent escreveu sua autobiografia que se mistura a relatos sobre a primeira cruzada e um tratado referente às relíquias. Schmitt mostra os traços dessa individualização (que ainda é muito ligado ao ideal coletivo) e problematiza: como sonhavam os homens medievais? Nesta fonte, Schmitt enumerou 46 relatos do monge envolvendo sonhos, aparições e visões. Destas, considerou 15 como sonhos. Aqui, o sonho é tratado como uma experiência onírica (visões do olho interior - a alma), sendo o sonho considerado uma visão espiritual. Desta forma são classificados dois tipos extremos e opostos de sonhos: o sonho divino, aquele em que a alma deixa o corpo e visita o além; e o sonho diabólico (pesadelo), aquele em que o corpo submerge a alma sob o efeito do terror.

A interpretação dos sonhos é religiosa e deve resultar na confissão e na correção moral. O sonho também se vincula a sistemas de valores, ele é socializado, cabendo a Igreja exercer um papel dominante na interpretação dos sonhos. O sonho se tornou um instrumento privilegiado da conversão pessoal. Ele se torna um presságio benéfico ou maléfico do futuro. Assim, a pessoa teria a oportunidade de se redimir. O sonho também é a forma dos mortos comunicarem com os vivos. Com o fortalecimento na crença no Purgatório, através dos sonhos os mortos pediam aos seus entes vivos que orassem e realizassem obras pelas suas almas.

O processo de individualização relaciona-se ao sonho. Mas o sonho está ligado à alma. A relação entre o corpo e a alma é fundamental no sistema de crenças medieval. Assim, como fica a questão do corpo? Se os sonhos são interpretados como presságios, como fica a relação com o Tempo e o Futuro? Essa é a proposta de Schmitt na quarta e última parte do livro intitulada “O corpo e o Tempo”, que se inicia com o seguinte problema: como, no passado, foi levada em conta a dimensão simbólica da doença? Seu objetivo é analisar os sistemas de representações da doença e da cura nas sociedades passadas. No medievo, a doença e a cura estavam ligadas a representação religiosa do mundo, o que leva a problematização do autor: como as doenças eram interpretadas? Assim como uma possessão demoníaca, a enfermidade possuía o corpo do doente, a dor ganhava autonomia, era personificada, ela torturava o corpo. A sua dimensão social é sempre chamativa: a doença impede o trabalho, aprofunda a indigência, ela obriga a mendicância. O doente ganhou um papel social importante e necessário: é aquele que sofre como Cristo e se salva, e por meios como o da caridade que recebe, salva os outros. Na Idade Média existiam dois grandes sistemas de interpretação das doenças (relacionados ao diagnóstico): a interpretação médica e religiosa<sup>2</sup>. Na interpretação médica era forte a Teoria dos Quatro Humores, de Hipócrates (relacionada aos fluídos corporais), estes se ligavam aos quatro elementos e o corpo humano baseado na ordem cósmica. Já na concepção religiosa, a doença era atribuída a uma intencionalidade e a um poder sobrenatural: Deus, o diabo, os santos ou até mesmo os homens (como os feiticeiros). Ela apresentava um caráter ambíguo, podendo ser interpretada como um castigo do pecado (punição) ou uma virtude (provação ao cristão). Em ambos os casos a doença poderia ser interpretada como uma “benção”, já que ela permitiria perseverar na salvação ou ir ao encontro dela.

Nos últimos ensaios, Schmitt analisa a relação do homem medieval com o tempo e o futuro. Da forma do homem medieval interpretar o tempo, vem a última problematização de Schmitt: como os medievais se apropriaram do futuro? Para o homem medieval, o futuro a Deus pertence. Mas, um dos pontos fundamentais do cristianismo consiste no

---

<sup>2</sup> Dois grandes problemas permeavam a relação entre a Medicina e a Igreja: A Igreja e os clérigos intervinham na substituição das formas pagãs e/ou folclóricas de cura pelas concepções e práticas autorizadas. Por outro lado, a Igreja teve que se adaptar a um sistema de representação simbólica da natureza e do corpo herdado da medicina e da ciência da antiguidade (greco-romana e árabe). Entre esta relação, Schmitt menciona três transformações ao longo da Idade Média: Até os séculos V e VI, prevalecia a rejeição e a desconfiança; Depois, até o século XII, o saber médico foi integrado à cultura monástica; Já nos séculos finais da Idade Média houve uma emancipação deste saber.

livre-arbítrio, então não há destino traçado: o homem faz o seu próprio futuro. A adivinhação e as tentativas de saber o seu futuro eram comuns à sociedade do Ocidente Medieval. O presságio representava bem a relação desse futuro com a concepção religiosa. Se a Igreja era a mediadora das relações do homem com o sobrenatural, obviamente, ela mediará essa relação com o futuro. Os clérigos combateram as adivinhações, chamadas de superstições e encaradas como práticas diabólicas. Mas dentro de toda a ambivalência do cristianismo medieval, o presságio e a profecia, principalmente aquela relacionada aos santos, não só era aceita, mas utilizada pedagogicamente pela Igreja. Assim, se o destino do homem não está traçado, os presságios, e também os sonhos, tornavam-se espécie de avisos, alertas, para que o homem mudasse seu caminho, indo em direção ao bem, e então mudasse o seu futuro. Nessa estreita relação, Schmitt reforça que a espiritualização do futuro foi um recurso muito utilizado pela Igreja, de forma hierárquica e pedagógica, e, principalmente, no combate a movimentos subversivos a ordem eclesiástica.

Os ensaios publicados neste livro têm a intenção de provocar os historiadores a buscarem novas abordagens e olhares para a pesquisa histórica. Principalmente, buscar desvelar objetos que parecem ocultos, dar novas problematizações a documentação. Seus questionamentos sobre o sistema dominante na relação entre a tradição folclórica e a cultura erudita marcam a profundidade de sua obra. Assim, Schmitt nos ensina que na sociedade do Ocidente Medieval houve muito mais do que o simples domínio ideológico do cristianismo e da Igreja, e que a subversão e a resistência estavam sempre presentes e em conflitos de representação. A sua concepção de lutas de representações é similar às de Roger Chartier em *A história cultural – entre práticas e representações* (Difel, 1987), quando este diz que o historiador deve se atentar aos sistemas simbólicos de lutas de representações, que deveríamos fazer uma história cultural do social.

Apoiado por uma grande erudição e uma farta documentação, Schmitt nos apresenta uma coletânea de ensaios com os resultados de pesquisas que tomaram boa parte de sua vida acadêmica, e como este mesmo escreveu no prefácio, seu trabalho é também uma espécie de autobiografia dos seus interesses de pesquisa. Na tensão entre cultura dominante e cultura subversiva, entre Igreja e Tradição Folclórica, podemos entender os processos relacionados às práticas e representações que envolviam o sistema de crenças na Idade Média. Essa reflexão, nas palavras de Schmitt, traça-nos um horizonte

de expectativa, esboçam eixos, balizam um campo de pesquisa, e não esgotam o assunto. Para os medievalistas, a sua obra, com certeza, esboça um grande ponto de partida.